

A SECA E A ESTRUTURA ECONÔMICA DO NORDESTE: LITERATURA COMO REFLEXO DA REALIDADE AGRÁRIA

ODS (1, 6, 8 e 10)

Valentina Nascimento Calderaro (Escola SESI Taubaté)

Tulio da Costa Moreira (Orientador - Escola SESI Taubaté)

Valeria Guimarães de Carvalho Couto (Orientador - Escola SESI Taubaté)

As secas correspondem a períodos prolongados de anomalias climáticas, caracterizados pela baixa precipitação, podendo ser agravadas pelas mudanças climáticas globais e pela gestão inadequada dos recursos hídricos, impactando severamente a saúde, o meio ambiente e a economia. No contexto brasileiro, o fenômeno é especialmente marcante no Semiárido Nordestino, onde a irregularidade das chuvas, a alta evapotranspiração e as características do solo e da vegetação contribuem para a vulnerabilidade ambiental e social. Na segunda fase modernista, marcada pelo regionalismo e pelo engajamento social, os escritores exploraram de forma crítica os impactos da seca, não só no aspecto ambiental, como nas profundas desigualdades sociais que a acompanha. Desse modo, a seca no sertão, retratada nas obras literárias, reflete além dos desafios naturais, as implicações econômicas e a estrutura agrária da região, refletindo desigualdades sociais e as relações de poder entre os grupos dominantes e as populações marginalizadas. A partir dessa questão, o objetivo desta pesquisa é compreender como representações literárias mostram a exploração das classes trabalhadoras e a concentração de terras, concomitantemente destacam as estratégias de resistência e adaptação das vítimas dessa realidade. Para tanto, este estudo adota uma abordagem de pesquisa bibliográfica para investigar como a seca no Nordeste brasileiro é retratada na literatura, utilizando como base a obra de Graciliano Ramos: *Vidas Secas*, que revela o fenômeno devastador que afeta o meio ambiente, destaca e agrava as desigualdades sociais e as relações de poder na região. Além disso, analisa a estiagem como não apenas um fator climático. Por conseguinte, compreende-se também um reflexo das condições econômicas precárias e da estrutura agrária desigual do Nordeste, compreendendo como a seca afeta diretamente a produção agrícola e pecuária, a terra é a principal fonte de riqueza, mas concentra-se nas mãos de poucos proprietários, controladores dos meios de produção e com acesso as melhores condições de sobrevivência, enquanto a massa de trabalhadores rurais vive em condições subumanas, como é o caso de Fabiano, figura central da obra, exemplo da ideia de que o personagem "conhecia o seu lugar" e "nascera com esse destino" remete ao conceito de fatalismo presente nas narrativas do modernismo brasileiro, em obras que exploram a realidade do sertão. Ademais a narrativa evidencia profundas implicações econômicas da seca, que agrava a pobreza dos sertanejos e os empurra para uma condição de extrema dependência das elites agrárias, criando um ciclo de subordinação, destinando-os a uma vida de pobreza, sem oportunidades reais de mobilidade social. A ideia de que "ninguém tinha culpa de nascer com destino ruim" reflete uma sociedade estruturalmente injusta, tentando naturalizar a desigualdade, definindo como algo inevitável. Portanto entender a seca no Nordeste nas literaturas é crucial para

compreender as desigualdades sociais e econômicas da região, pois a estiagem cria ambientes de profunda instabilidade econômica e social. Esta análise destaca a importância da água e da literatura, sendo aquela crucial para garantir a sobrevivência e dignidade das populações rurais e esta, um meio fundamental de denúncia a exploração, alienação e fatalismo, abrindo espaço para reflexão e resistência social.

Palavras-chave: Seca; Nordeste; Vidas Secas; Graciliano Ramos; Água; Estrutura Agrária.